

# **Cinema e educação:** aprendendo com os discursos fílmicos

Wilson Francisco Correia<sup>1</sup>

## **Resumo**

O presente artigo aborda alguns aspectos da temática sobre cinema e educação. Toma-a como expressão relevante das interfaces que medeiam as tecnologias de comunicação e a educação escolar. Ao observar uma metodologia que cuida da análise do discurso fílmico, busca-se compreender o cinema como um produto cultural que, em seu processo de endereçamento e recepção, requer a construção de discursos ligados aos valores éticos, à política e à ideologia, tornando-se importante ferramenta no processo de aprendizado e ensino no âmbito da educação escolar, também permeada por aspectos éticos, políticos e ideológicos.

## **Palavras-chave**

Cinema. Educação. Aprendizagem.

**1.** Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, professor adjunto em Filosofia da Educação na Universidade Federal do Tocantins. E-mail: wilfc2002@yahoo.com.br.

# **Film and education:** learning with speeches film

Wilson Francisco Correia\*

## **Abstract**

This article works up some thematic aspects about cinema and education. This thematic is taken as an expression of the relevant interfaces that mediate technologies of communication and education. When we talk about a methodology that handles the analysis of film discourse, seeks to understand the cinema as a cultural product that, in the process of addressing and reception, requires the construction of discourses linked to ethical values, to politics and ideology, becoming an important tool in the process of learning and teaching within the school, also permeated by ethical, political and ideological aspects.

## **Keywords**

Cinema. Education. Learning.

\* Doctor in Education at Universidade Estadual de Campinas, Education Philosophy professor at Universidade Federal do Tocantins. E-mail: wilfc2002@vahoo.com.br.

## Introdução

Em Foucault (1987; 1996), a tematização de conceitos como os de verdade e poder estão inextricavelmente ligados à produção de discursos. Para ele, o discurso é regulado, selecionado e organizado. É descontínuo e redistribuído. O discurso apresenta verdades, saberes, poderes e perigos, não importando a sociedade em meio à qual ele é elaborado. Isso acontece porque, para Foucault, todo discurso refere-se, política e ideologicamente, à realidade social, dentro de normalizações que asseguram o que pode e o que não pode ser dito, também como, quando, por quem e a quem o discurso é destinado.

Na sociedade ocidental, por longos séculos reinou um tipo de racionalismo que, epistemologicamente falando, parece ter sido considerado o caminho privilegiado para se chegar ao discurso da verdade, como única forma de veicular a verdade. Esse apego ao escrito racionalista pontificou soberano, inclusive nos processos de educabilidade, embora outras expressões culturais encontrassem em processo simultâneo de produção, tais como a música, a literatura, a pintura, a escultura, o teatro, a fotografia e o cinema.

Aos poucos, porém, essas artes passaram a merecer atenção como veículos portadores de conteúdos dignos de consideração epistêmica, implicados nas práticas educativas, com destaque para o cinema, com o qual dialogo neste artigo, visando aprofundar o entendimento sobre o sentido da apreciação de discursos fílmicos como recursos educativos, uma vez que eles delineiam visões políticas e ideológicas sobre o real, razão pela qual, na condição de relevante tecnologia de comunicação, tornam-

se interessantes para o campo da educação. De modo mais específico, neste trabalho enfoco dois filmes: *O Senhor das Moscas* e *Ilha das Flores*, os quais serão “lidos” e analisados nos parágrafos que seguem em suas articulações possíveis com situações reais de ensino e aprendizagem.

### A leitura do discurso de *O Senhor das Moscas*

Um discurso fílmico que se presta ao uso como componente formativo na educação escolar pode ser encontrado no filme baseado na obra *Lord of the flies* (*O Senhor das Moscas*, no Brasil; *O Deus das moscas*, em Portugal). Trata-se de uma distopia alegórica, publicada em 1954 e que, em 1983, deu o Prêmio Nobel de Literatura ao seu autor, o britânico William Golding (2002).

À época em que escreveu o livro, Golding vivia o contexto mundial de um antiiluminismo<sup>2</sup> sem par. O nazismo, o fascismo, a bomba atômica, o pós-guerra Mundial e a Guerra Fria eram ocorrências de alcance mundial que compunham o cenário internacional em que a racionalidade humana parecia malsã e antiiluminada por excelência, como que a testar o sonho iluminista gestado no decorrer dos séculos XVII e XIX. Para retratar esse cenário demasiado desolador, Golding empregou em seu texto a metáfora da ilha, a qual foi levada para o cinema posteriormente.

Desde Platão (2001), que, no *Timeu* e no *Crítias*, fez referência a uma ilha chamada Atlântida, a metáfora da ilha acompanha a cultura ocidental, comparecendo com frequência aos textos fílmicos, cujos discursos a representam

**2.** Iluminismo como o movimento que opõe democracia à monarquia, a luz racional à luz teológica, o Estado laico ao Estado confessional, entre outras, e que se caracteriza por entender que “A razão é o princípio supremo de juízo diante da realidade”: como o movimento que acredita que “O progresso no campo do conhecimento é ilimitado, sob condição de emancipar a razão de todos os enclaves que a tradição lhe opõe. Ela deve assumir os destinos do homem, garantindo-lhe liberdade, dignidade e felicidade fundamentais na irmandade de todos” (GILLES, 1983, p. 76).

de diferentes maneiras. Entre outras coisas, ela, a metáfora da ilha mais usual, aponta para a dimensão da singularidade antropológica e para a faceta da solidão ontológica do humano no mundo, como, de certa forma, fez Daniel Defoe (2000) em *Robinson Crusó*<sup>3</sup>, em 1719, em torno do solipsismo ontoantropológico.

No entanto, o filme *O senhor das moscas* (produção estadunidense de 1990, de Harry Hook) mostra que Golding enfoca o homem como ser social, não recluso em si mesmo, não individualista como nas metáforas do homem-ilha consagradas na cultura ocidental, uma vez que a sociedade é que é tomada como ilha. Ele a representa dessa maneira ao contar a história de um grupo de estudantes de uma escola militar que se afunda nas águas do oceano por conta da queda do avião que os transportava para longe da guerra. Aparentemente, ao indicar, desde o começo, o enfoque na concepção de homem tido por ser social e caracterizado pela aceção antropológica hobbesiana (1983), segundo a qual “o homem é lobo do homem”, sendo o interesse egóico o único a criar condições de possibilidade para o processo social. Considerando o mal inerente à condição humana, o pacto idealizado pelo burguês do começo da Modernidade parece o instrumento suficiente para o estabelecimento da socialidade. E porque o “bom selvagem”<sup>4</sup> rousseauiano possivelmente não exista, o fundamento desse pacto se torna o interesse egoísta.

Desse modo, no lugar do processo civilizatório, Golding mostra em sua obra como o humano retroage à incivilidade, ao menos à luz dos mais caros axiomas iluministas de racionalidade, ordem natural e progresso, perfectibilidade, felicidade e paz. Na esteira desse norteamento, o totalitarismo vence a

democracia (nazismo, fascismo e socialismo aí figurados). A razão cede lugar ao instinto nu e cru qualificador do existente humano. Todas as luzes parecem se apagar. O humano não consegue enxergar o sentido das coisas, da vida, da sociedade. O adulto que surge em meio ao grupo de garotos do colégio se torna um excluído, isolado e doente, monossilábico, desprovido de pensamento, linguagem e discurso, à semelhança de um monstro (a racionalidade “madura” em franco estrangulamento e completamente estiolada). O personagem que encarna o papel do portador do poder autocrático, Jack, torna-se obcecado pela prática da caça. Matar é uma atividade que vai crescendo: começa por ser perpetrada contra um bichinho de estimação, é dirigida contra os porcos selvagens, chega ao assassinio do adulto e alcança os garotos. Sangue e barbárie ditam a rotina do grupo de meninos (todos do sexo masculino).

Por essas razões, a pequena sociedade adpta de assembleias e da democracia, aos poucos vive a própria dizimacão, até restar apenas um de seus membros, Ralph (e a democracia é vencida). O grupo dos caçadores, em contraposição ao grupo da democracia, realiza ritos selvagens em torno da atividade de caçar. Paulatinamente, desfalece a busca de uma racionalidade possível à organização do corpo societário. O medo passa a qualificar a vida dos meninos. Lá eles não dormem e não podem sonhar, uma vez que são tomados por um infundo pesadelo. Um monstro fictício, causador do medo, é usado pelo líder tirano com o intuito de manter o poder. Tentativas de chamar à razão eles até fazem entre si, mas resultam nulas. O terror ameaça constantemente, provocado por histórias imaginárias ou por fatos reais. Enquanto isso, a morte permanece à espreita.

**3.** Há uma leitura cinematográfica, ao modo estadunidense, no filme *Náufrago*, de Robert Zemeckis, com Tom Hanks no papel principal. Defoe conta histórias de Alexander Selkirk, que, em 1704, foi para uma ilha deserta e só foi resgatado cinco anos depois. Um texto sobre o filme *Náufrago* pode ser encontrado em Duclós (2005).

**4.** Tese proposta por Rousseau nos começos da Modernidade, sobretudo em sua obra *Emílio ou da Educação* (ROUSSEAU, 1992).

diuturnamente, uma ameaça que perdura.

Como as coisas vão sempre dando errado ao longo do desenvolvimento do enredo, o personagem Porquinho, pertencente ao grupo dos democratas, lamenta com seu companheiro Ralph algo próximo a isto: “Fizemos tudo como os adultos fazem, e nada está funcionando...”. Essa é uma das últimas falas de Porquinho, pois logo ele é assassinado pelo grupo dos caçadores, deixando o amigo Ralphilhado em todos os sentidos, inclusive na dimensão humana, uma vez considerado o inimigo principal do grupo dos ferozes caçadores. Ao vê-lo sozinho, o grupo de caçadores o persegue ferozmente como a um objeto destinado a um violento desaparecimento, até que, exausto, correndo em direção à praia, Ralph salta de entre os arbustos para a areia da orla. É quando se vê sob os pés de um adulto militar, o qual olha na direção dos irados caçadores e indaga: “O que vocês estão fazendo?” O estranhamento é amplo, geral e irrestrito: nem as crianças se reconhecem nos adultos nem os adultos se reconhecem em suas próprias crias; o não reconhecimento é fato; lado infância do homem e lado racional do humano parecem representados como irreconciliáveis, ainda que esse lado infância tenha emergido em toda a sua brutalidade no enredo. O mundo se tornara ininteligível, irracional e absurdo, num cenário onde aparece comprometida toda a educabilidade possível.

### Os meandros do discurso fílmico

Expressão exemplar desse conflito (infância versus adultecência) que contradita nossas concepções de educação humana geral e escolar aconteceu durante a *Conferência das Nações Unidas Para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento*, a conhecida *Cimeira da Terra*, a ECO-92, ocorrida no Rio de Janeiro, entre os dias 3 e 14 de junho de 1992.

Nessa *Cimeira da Terra*, uma garota canadense, então com 12 anos de idade,

chamada Severn Cullis-Suzuki, fez uso da palavra em nome da *Organização das Crianças em Defesa do Meio Ambiente*. As ideias que ela veicula ao ler um discurso dirigido aos adultos exemplificam bem esse estranhamento sugerido no e pelo filme *O Senhor das Moscas*, um indicativo de que a humanidade ainda não encontrou os caminhos da razão educadora iluminista de que a contemporaneidade é herdeira. Transcrevo o discurso porque não há outra forma de perceber isso senão lendo-o.

Discurso de Severn Cullis-Suzuki na ECO 92 - Rio de Janeiro

Olá, eu sou Severn Suzuki.

Represento, aqui na ECO, a Organização das Crianças em Defesa do Meio Ambiente. Somos um grupo de crianças canadenses, de 12 e 13 anos, tentando fazer a nossa parte: contribuir. Vanessa Sultie, Morgan Geisler, Michelle Quigg e eu. Foi por meio de muito empenho e dedicação que conseguimos o dinheiro necessário para irmos de tão longe, para dizer a vocês, adultos, que têm que mudar o seu modo de agir.

Ao vir aqui, hoje, não preciso disfarçar meu objetivo: estou lutando pelo meu futuro. Não ter garantia quanto ao meu futuro não é o mesmo que perder uma eleição ou alguns pontos na bolsa de valores. Estou aqui para falar em nome das gerações que estão por vir. Eu estou aqui para defender as crianças que passam fome pelo mundo e cujos apelos não são ouvidos. Estou aqui para falar em nome das incontáveis espécies de animais que estão morrendo em todo o Planeta, porque já não têm mais aonde ir. Não podemos mais permanecer ignorados.

Eu tenho medo de tomar sol, por causa dos buracos na camada de ozônio. Eu tenho medo de respirar este ar, porque não sei que substâncias químicas o estão contaminando. Eu costumava pescar em Vancouver, com meu pai, até que recentemente pescamos um peixe com câncer... E agora temos o conhecimento que animais e plantas estão sendo destruídos e extintos dia após dia... Eu sempre sonhei em ver grandes manadas de animais selvagens, selvas e florestas tropicais repletas de pássaros e borboletas, e hoje eu me pergunto se meus

filhos vão poder ver tudo isso...

Vocês se preocuparam com essas coisas quando tinham a minha idade? Tudo isso acontece bem diante dos nossos olhos e mesmo assim continuamos agindo como se tivéssemos todo o tempo do mundo e todas as soluções.

Sou apenas uma criança e não tenho todas as soluções, mas quero que saibam que vocês também não têm... Vocês não sabem como reparar os buracos na camada de ozônio... Vocês não sabem como salvar os peixes das águas poluídas... Vocês não podem ressuscitar os animais extintos... E vocês não podem recuperar as florestas que um dia existiram e onde hoje é um deserto... Se vocês não podem recuperar tudo isso, por favor, parem de destruir!

Aqui vocês são os representantes de seus governos, homens de negócios, administradores, jornalistas ou políticos, mas, na verdade, vocês são mães e pais, irmãos e irmãs, tias e tios e todos também são filhos...

Sou apenas uma criança, mas sei que todos nós pertencemos a uma sólida família de 5 bilhões de pessoas (em 1992) e, ao todo, somos 30 milhões de espécies compartilhando o mesmo ar, a mesma água e o mesmo solo. Nenhum governo, nenhuma fronteira poderá mudar esta realidade.

Sou apenas uma criança, mas sei que esses problemas atingem a todos nós e deveríamos agir como se fôssemos um único mundo rumo a um único objetivo. Eu estou com raiva, eu não estou cega, e eu não tenho medo de dizer ao mundo como me sinto.

No meu país geramos tanto desperdício, comparamos e jogamos fora, comparamos e jogamos fora... E nós, países do norte, não compartilhamos com os que precisam. Mesmo quando temos mais que o suficiente, temos medo de perder nossas riquezas, medo de compartilhá-las.

No Canadá, temos uma vida privilegiada, com fartura de alimentos, água e moradia. Temos relógios, bicicletas, computadores e aparelhos de TV. Há dois dias aqui no Brasil, ficamos chocados quando estivemos com crianças que moram nas ruas. Oucam o que uma delas nos contou: "Eu gostaria de ser rica, e, se fosse, daria a todas as crianças de rua alimentos, roupas, remédios, moradia, amor e carinho...".

Se uma criança de rua, que não tem nada, ainda deseja compartilhar, por que nós, que

temos tudo, somos tão mesquinhos?

Não posso deixar de pensar que essas crianças têm a minha idade e que o lugar onde nascemos faz uma grande diferença. Eu poderia ser uma daquelas crianças que vivem nas favelas do Rio, eu poderia ser uma criança faminta da Somália, ou uma vítima da guerra no Oriente Médio, ou, ainda, uma mendiga na Índia...

Sou apenas uma criança, mas sei que se todo o dinheiro gasto nas guerras fosse utilizado para acabar com a pobreza, para achar soluções para os problemas ambientais, que lugar maravilhoso seria a Terra!

Na escola, desde o jardim da infância, vocês nos ensinaram a sermos bem comportados. Vocês nos ensinaram a não brigarmos com as outras crianças, resolvermos as coisas da melhor maneira, respeitar os outros, arrumar nossas baguncas, não maltratar outras criaturas, dividir e não ser mesquinhos... Então, por que vocês fazem justamente o que nos ensinaram a não fazer?

Não esqueçam o motivo de estarem assistindo a essas conferências e para quem vocês estão fazendo isso. Vejam-nos como seus próprios filhos. Vocês estão decidindo em que tipo de mundo nós iremos crescer. Os pais devem ser capazes de confortar seus filhos, dizendo-lhes "Tudo vai ficar bem, estamos fazendo o melhor que podemos, não é o fim do mundo...", mas não acredito que possam nos dizer isso: "Nós estamos em suas listas de prioridades".

Meu pai sempre diz: "Você é aquilo que faz, não o que você diz". Bem, o que vocês fazem, nos faz chorar à noite... Vocês adultos dizem que nos amam... Eu desafio vocês: por favor, façam com que suas ações reflitam as suas palavras. Obrigada! (COLLIS-SUZUKI, 1992, online).

Quero acreditar que o estranhamento que qualifica esse discurso e o desencontro educativo verificado no filme *O senhor das moscas* evidenciam o "descarrilamento do trem" daquela concepção iluminista de razão que controlaria a ordem do mundo e dominaria as leis naturais da progressiva evolução humana rumo a patamares melhores de existência pela via da iluminação racional via educabilidade. Além disso, parece curioso o fato de que, no nosso exemplo, com a fala de Collis-

Suzuki, tem de ser um infante, uma criança, aquela que usa sua voz em formação para dizer aos adultos - que o projeto epistêmico (científico-político-econômico-ideológico) da modernidade ocidental revelou-se um fiasco e encontra-se desprovido de qualquer razão de ser, apresentando inúmeros entraves ao processo de educação do homem e da mulher. É ou não é a criança o ser que se associa a todo e qualquer projeto de educabilidade? Não é esse ser educável aquele que, bem ou mal, tem ocupado o lugar central em nossos projetos formativos? Que significado poder ter esse discurso para nós, os adultos, empenhados na tarefa de formar o homem e a mulher ocidentais? Por que um ser ainda em processo de educação, de humanização, é quem toma a palavra para dizer ao adulto educador que ele falhou? Onde está o sentido desse simbolismo?

Mas, após o registro dessas indagações, voltemos à análise do filme *O Senhor das Moscas*. Por ele ser enfaticamente alegórico, no processo de endereçamento ao seu público-alvo, um conjunto de interpretações possível à recepção do sentido de cada personagem circula onde o filme é visto. Difícil é não fazer as associações contextualizadas ao filme, que é datado, produto de um tempo, de um espaço e de um momento da história vivida. Por exemplos: o personagem Ralph simboliza o possível contrato fundado na democracia liberal, o governo do bom senso, segundo concepções modernas; o personagem Jack representa o absolutismo, a autocracia, a barbárie, a tirania, o mal humano e o humano mau, mas, ao mesmo tempo, mostra que a viabilidade da vida em sociedade funda-se no egoísmo, no individualismo, no proprietarismo, nas questões de ordem particular e privada da

existência, o que sufocaria uma educabilidade desejável: o personagem Porquinho, além de ser símbolo da democracia, o é também da inteligência e da ciência, pois, além de racional, é impopular, um patinho mais feio do que todos os outros, sendo que o que ele oferece de útil é a técnica, o tecnocientismo representado pelos óculos usado para gerar o fogo, o qual não pode ser dominado por ele, mas por quem entendeu em que sentido “saber é poder”<sup>5</sup>, no caso, o grupo de caçadores, cujos membros que se deixam comandar por Jack representam os homens pactuados pelo interesse egóico e particular, muito no sentido de indicar o individualismo interesseiro do burguês que modela a Modernidade.

Nessa linha de atribuição de significados aos personagens do filme *O Senhor das Moscas*, os gêmeos Sam e Eric simbolizam a massa, constituída de pessoas sensíveis, influenciáveis e que agem mais pela opinião de terceiros do que pelos próprios pensamentos<sup>6</sup>; já um “bicho” que se faz presente na trama é interpretado como monstro, causador de medo, seguidamente confundido com o adulto que se encontra nos arredores da sociedade de meninos ilhados e que pode ser compreendido como sinal das estratégias de controle e disciplinamento usado pelos humanos em suas variadas relações e jogos de poder, pois o “bicho”, algo difuso, pode ser qualquer coisa ou qualquer um, incluindo o semelhante ao lado, tal como um governo que usa sistemas de *marketing* e assemelhados para praticar o convencimento por meio de ameaças de toda ordem, espalhadas aos quatro cantos: Simon, o garoto que noutro contexto também é confundido com o monstro e que é morto por engano, simboliza a religião, pois ele recebia

**5.** Trata-se do pragmatismo filosófico de Francis Bacon, “para o qual ‘saber é poder’ e a verdade tem um valor utilitarista” (FREITAS, 2006, p. 4). Para Bacon, a ciência devia se prestar ao estabelecimento do *imperium hominis* sobre o mundo das coisas. E uma mentalidade científica que divisasse esse sentido só seria conseguida mediante a superação de certos ídolos que impediriam a conquista do domínio sobre o mundo natural (BACON, 1973).

**6.** Baudrillard caracteriza as massas como aquelas que “não têm história a escrever, nem passado, nem futuro, elas não têm energias virtuais para liberar, nem desejo a realizar: sua força é atual, toda ela está aqui, e é a do seu silêncio” (BAUDRILLARD, 1985, p. 3), externalizando uma compreensão sobre as massas que dá o que pensar.

revelações místicas: os óculos de Porquinho podem representar, segundo o discurso fílmico em análise, a visão de bom senso, posto que tal personagem desejasse a democracia possível como o melhor a ser feito em meio ao caos.

Uma concha, que o orador tinha de ter em mãos para poder fazer uso da palavra nas assembleias, é outro símbolo da democracia, do consenso, da civilização e da civilidade: uma espécie de acordeão danificado que chega à orla, trazido pelas marés, e que não oferece nenhuma nota musical, é identificado como o perecimento das artes e com a perda da noção do belo, a estética niilizada, pois a vida se fez grotesca, feia e de mau gosto; o fogo representa utilidade, o instinto, o desejo ou irracionalidade, dependendo de como aparece nas sequências do enredo. O nome do filme *O Senhor (ou Deus) das moscas* é a tradução de Ba'alzebu, o termo hebraico que significa "demônio" (GARCIA, 2003), o que representa muito para a cultura ocidental de tradição judaico-cristã e que, subliminarmente, associa-se a tudo o que no contexto do filme parece atentar contra a democracia.

Parece-me que esse filme "pensa" em sua assistência composta por sujeitos do pós-guerra, os cidadãos legitimadores da democracia liberal, onde aturaria o sujeito educado para ser igual, livre e fraterno. A pressuposição parece ser a de que essa assistência, por ter conhecido as experiências históricas de totalitarismos e absolutismos, de esquerda e de direita, e por ter sido educada para a valorização da democracia, irá, de muito bom grado, identificar todas as formas de autoritarismo que a cerca, bem como santificar o liberalismo das sociedades de mercado capitalistas. Assim, o uso de "conceito-imagem" desse filme faz-se prenhe de "conceito-ideia" (CABRERA, 1999), por meio do qual há o esforço do texto fílmico para pensar segundo os valores liberais em um projeto educativo e os princípios da cultura centrada na concepção

dos direitos humanos universais com a componente valorativa que os legitima como "viáveis" e "bons" ao projeto educativo formal.

Por outro lado, esse filme também pode ser tomado como uma via de análise do sonho iluminista, o qual preconizou excessiva crença no poder da razão natural, universalmente qualificadora do existente e que deveria ser singularizada pelos indivíduos. Nessa linha, parece-me, o filme sugere que se todos fossem selvagens racionais, que deveriam se educar o mais naturalmente possível, como defendeu Rousseau (1992), em desenvolvimento natural, ordenado, progressivamente rumo à emancipação, à autonomia, à autorrealização, à felicidade e à paz perpétua, como Kant (1995) preconizou ao pressupor a racionalidade pura como potencializadora de toda hominização perfectível possível ao homem e à mulher educados, a ilha dos meninos não teria se transformado no inferno de sangue e terror que podemos conferir no filme, mas em lugar minimamente habitável segundo os padrões prevalentes no Ocidente.

### **Outro discurso fílmico: *Ilha das Flores***

Outro texto fílmico que pode ser lembrado aqui é *Ilha das Flores*. Trata-se do documentário de Jorge Furtado, rodado em 1989, e que tem 13 minutos de duração. A sinopse do portal que o hospeda afirma que se trata de "Um ácido e divertido retrato da mecânica da sociedade de consumo". E completa: "Acompanhando a trajetória de um simples tomate, desde a plantação até ser jogado fora, o curta escancara o processo de geração de riqueza e as desigualdades que surgem no meio do caminho" (PORTACURTAS PETROBRÁS, 2006).

Depois da epígrafe "Deus não existe", e após advertir que o filme não é ficção, Furtado conta que o tomate jogado fora é aquele impróprio para humanos e que foi para

7. Lembro a indagação inicial de Ellsworth: "Quem esse filme pensa que você é?" (ELLSWORTH, 2001, p. 11).



o lixão de *Ilha das Flores*, bairro Belém Novo, município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. O lixão fica em uma propriedade, a qual tem “um dono”, “uma cerca” e uma criação de porcos, à qual é destinado o lixo orgânico depositado no terreno. Mas os humanos do entorno também o remexem para extraírem dele a própria alimentação. Os seres humanos não têm dono, ainda que se submetam ao proprietário do terreno. Aliás, foi esse dono do terreno que estabeleceu o seguinte: enquanto os porcos podem permanecer à folga no lixão para se sentirem saciados, só depois deles, homens, mulheres e crianças passam para o lado interno da cerca para vasculharem o lixo, por um período de apenas cinco minutos, para que recolham o que serve de alimento. O fechamento do texto fílmico é feito da seguinte maneira:

(73) O que coloca os seres humanos da Ilha das Flores depois dos porcos na prioridade de escolha de alimentos é o fato de não terem dinheiro, nem dono.

(74) O ser humano se diferencia dos outros animais pelo telencéfalo altamente desenvolvido, pelo polegar opositor e por ser livre.

(75) Livre é o estado daquele que tem liberdade.

(76) Liberdade é uma palavra que o sonho humano alimenta, que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda<sup>8</sup> (FURTADO, 1989).

Pelo fato de o liberalismo rimar com propriedade e pelo motivo de o capitalismo significar dominação, o roteiro parece sugerir que entre nós não há liberdade fática, mas formal, para a qual somos todos educados ao idealizarmos uma coisa e vivermos outra. Embora compreendida por todos a liberdade não é explicável. Ela é um sonho e uma palavra, o que denuncia o caráter formal da liberdade capitalista, que não desce da razão formal-

idealista para qualificar a vida material. Trata-se de uma liberdade falta, ausente. Sua substância está fora dela: na propriedade, no dinheiro, no lucro, na acumulação, na cerca que uns poucos constroem em torno de terrenos para com elas estabelecerem fronteiras entre o alimento e a fome, entre a vida e a morte.

Nesse estado de coisas, o Deus-pai, o qual, segundo os pressupostos teístas do judaísmo e do cristianismo, é idealizado como provedor da vida, não existe. A trindade divina propriedade-lucro-acumulação, sim, e impacta a existência e as relações sociais. É essa divindade que animaliza, pauperiza, embrutece e aniquila. Mostra a pobreza de uma liberdade que depende do assujeitamento escravo e de cercas para se firmar, e que, para vicejar, depende do perecimento do outro.

À primeira vista, com a voz narrativa do texto do roteiro em primeiro plano, em uma evidencição de que o documentário não tem nada de objetivo e neutro, sendo um artefato simbólico interessado e ideológico, construído pelo ser humano, *Ilha das Flores* pode parecer uma peça de catequese. Como tal, ela se faria ao modo intelectualista de alguém que, portador das luzes do conhecimento (catequizador), diz aos despossuídos do mundo (catequizandos) o que a realidade é, qual é a situação deles no mundo, num projeto educativo unidimensional de quem veicula a verdade, o saber certo e seguro.

Mas a escolha dessa estratégia fílmica talvez pudesse estar sendo tentado na esperança de que, por meio da conscientização educativa, pudesse ocorrer para os dominados a reapropriação de si mesmos e do mundo no qual vivem, o que, no meu entendimento, parece ser superficial, pois o filme em questão não faz outra coisa senão tentar evidenciar a ossatura do sistema capitalista, bem como sua nervura estruturante, seu *ethos*. Antes de querer catequizar e conscientizar parece-me que

**8.** Frase de Cecília Meireles. Disponível em <<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/literatura/ceciliameireles/ceciliareconhecimento.htm>>. Acesso em: 10 out. 2007.

esse documentário deseja mostrar, fazer ver, num projeto educativo diferente daquele que almeiaria apenas “fazer a cabeça” da assistência.

A crença na existência de catequizadores e de catequizandos se sustenta na noção de que entre enunciado magistral e recepção discente ocorre transmissão integral, automática e natural. Entretanto, a recepção de um discurso não ocorre segundo um esquema assim tão linear, haja vista a complexidade dos processos de endereçamento e recepção da mensagem fílmica. Se assim fosse, bastaria ao portador de saberes sábios descarregar (via palavra, discurso, ou por meio de outro expediente) o conteúdo de sua consciência na mente dos não conscientes para que a libertação conscientizada se efetivasse e realizasse a obra educativa. Porém, o conteúdo formatado em “X” e endereçado como “X” nem sempre é recebido ao pé da letra, uma vez que, pelas mobilizações cognitiva, afetiva e volitiva que o sujeito faz ao receber esse conteúdo, esses processos possibilitam-lhe re-significá-lo e recebê-lo como “Xa”, “X1” ou até como “Y” ou “Z”. Não se trata, pois, de postular a crença na transmissão linear-essencialista de “X” que é recebido como “X”, como parece contraditório nas concepções ingênuas de certas pedagogias, sob a pressuposição de que a legitimidade da existência desta automaticidade é um fato.

De minha parte, não concebo *Ilha das Flores* como uma peça catequético-doutrinadora, mas, sim, como uma representação humanamente marcada, temporalmente datada, localmente situada e historicamente delimitada e socialmente produzida e compartilhada, com cujas conclusões cada um pode concordar, ou não. Trata-se de obra de leitura da realidade, de atribuição de sentido a ela e de manifestação da concepção epistêmica, ética, estética e educativa de um sujeito que discursa para socializar a percepção de mundo que não é estritamente dele, porque a autoria desse constructo fílmico só é possível graças aos bens simbólicos encontrados na cultura de que é parte.

## Considerações Finais

Associados os filmes *O senhor das moscas* e *Ilha das Flores* é possível perceber que o primeiro faz a defesa das sociedades liberais, ao passo que o segundo mostra, metaforicamente falando, que “o rei está nu”. O mais interessante é a crença manifestada no primeiro filme, cujo endereçamento sugere o rechazo de formas totalitárias de governo e transmite a ideia de que a melhor saída para o ser humano é a democracia liberal. O primeiro a associar-se às concepções de educação formal, voltadas para a educabilidade do homem essencializado na ideia de liberdade e igualdade racionais, como metas postas às terminalidades dos percursos formativos da educação escolar. O segundo a colocar essa crença no tribunal da razão crítica que opera para além da aceitação passiva do real e dos modelos societários e dos estilos existenciais cunhados no chão da ideologia liberal produzida e fortalecida na Modernidade.

O registro desses elementos mostra uma possibilidade de emprego do estudo de textos fílmicos, visando à compreensão do sentido dos discursos que veiculam, tornando-se uma ferramenta de relevo para quem faz e sofre a educação formal e pretende diversificar as fontes de conteúdos de que pode lançar mão – o que evidencia que o aprendizado, em vez de se dar apenas mediante a exploração de textos escritos, bem pode se valer, e com fecundidade, dos textos fílmicos que circulam em nosso meio notadamente para consubstanciar a formação teórica, técnica e ética daqueles que estão passando pela escola, mas que, de um modo ou de outro, encontram-se às voltas com o aprender a ser. Tomara que esse aprendizado seja levado a cabo no sentido de formar subjetividades singulares e identidades livres, amantes da justiça concreta, essa de que tanto carece uma nação fundada na aspiração pela igualdade da qual não podemos abrir mão como finalidade maior de toda educação.

## Referências

- BACON, F. **Novo Organon**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção: Os Pensadores).
- BAUDRILLARD, J. **A sombra das maiorias silenciosas**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CABRERA, J. **Cine: 100 años de filosofía: una introducción a la filosofía a través del análisis de películas**. Barcelona: Gedisa, 1999.
- COLLIS-SUZUKI, S. **Discurso na Conferência das Nações Unidas Para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento** (Cimeira da Terra-ECO/92). Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: <[http://www2.camara.gov.br/programas/ecocamara/noticias\\_primeirapagina/voce-sabe-quem-e-severn-suzuki](http://www2.camara.gov.br/programas/ecocamara/noticias_primeirapagina/voce-sabe-quem-e-severn-suzuki)>. Acesso em: 20 nov. 2007.
- DEFOE, D. Robinson Crusoe. **VirtualBooks 2000**. Disponível em: <[http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/infantis/robinson\\_crusoe.htm](http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/infantis/robinson_crusoe.htm)>. Acesso em: 02 nov. 2007.
- DUCLÓS, N. **Tom Hanks e o mito fundador**. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/neiduclos/Article112.html>>. Acesso em: 23 set. 2007.
- ELLSWORTH, E. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, T. T. da (Org.). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 3. ed. Tradução de L. F. de A. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREITAS, L. **A moral na obra de Jean Piaget: um projeto inacabado**. São Paulo: Cortez, 2003.
- FURTADO, J. **Um astronauta no Chipre**. Porto Alegre: Artes Ofícios, 1992.
- GARCIA, N. C. **O senhor das moscas**, 2003. Disponível em: <<http://www.tex.pro.br/wwwroot/04de2003/osenhordasmoscasneicomisgarcia.htm>>. Acesso em: 10 out. 2007.
- GILES, T. R. **Filosofia da Educação**. São Paulo: EPU, 1983.
- GOLDING, W. **O Deus das moscas**. Tradução: Luís de Sousa Rebelo. Lisboa: Editorial Vega, 1997.
- HOBBS, T. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os pensadores).
- PLATÃO. **Diálogos**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora da UFPA, 2001.
- PORTACURTASPETROBRÁS. **Ilha das Flores**. Disponível em: <<http://www.portacurtas.com.br/Filme.asp?Cod=647>>. Acesso em: 20 dez. 2006.
- ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou da Educação**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1992.

Submetido em 25 de novembro de 2009

Aprovado em 17 de março de 2010